



Prefácio

Este livro é dedicado à heroica memória dos servos de Deus reunidos na sala de visitas de minha avó há tantos anos, no início deste século, e à igualmente heroica memória de todos os outros servos de Deus a cuja devoção não fazemos jus, de cujas orações não somos dignos, de cujo amor não somos merecedores e cujos trabalhos incessantes são conhecidos apenas por Deus.

Para aqueles que não estejam completamente familiarizados com os termos empregados neste livro, todos os bispos de todas as crenças são chamados, nas Ilhas Britânicas, de “meu senhor”, e são referidos como “sua senhoria”. O termo “faixa púrpura” era comumente usado, há meio século ou mais, referindo-se aos monsenhores, independentemente de sua ordem usar ou não uma “faixa púrpura” nas vestimentas.

Usei escocês, galês e dialeto irlandês o mínimo indispensável para dar um sabor autêntico a essas várias sagas, de modo que elas serão prontamente entendidas por qualquer pessoa que não seja dessas origens étnicas.

Para os galeses e escoceses, um inglês era um *sassenach* e para o irlandês, um *sassenagh*, ambos termos deploravelmente pejorativos.

Segundo alguns, o final do século XIX e o início do século XX foram “anos difíceis”. Mas todos os anos são “difíceis”, em diferentes medidas. Estou certa de que nossos missionários e clérigos modernos também acham os dias atuais assim e seu heroísmo é tão pouco apreciado quanto o seu trabalho é difícil, árido e exigente. Na verdade, não somos merecedores do nosso clero, em nenhum lugar do mundo.

Esta é então uma história de heróis, cujas vidas foram verdadeiramente duras e perigosas e que, também, como o seu Senhor, muitas vezes não tinham lugar para deitar suas cabeças e só ao acaso tinham





abrigo. Eles viveram em uma atmosfera de fé, fantasia, milagres e alegria de viver, e contaram histórias maravilhosas sobre si mesmos e sobre os outros. Além disso, apesar de quase sempre oprimidos, eram homens verdadeiramente livres, muitas vezes desprezando riscos e nunca com medo. Eles, mais do que quaisquer outros, entendiam Emerson quando este escreveu: “De que adiantam o arado e o veleiro, a terra ou a vida, se a liberdade é perdida?”

Taylor Caldwell





1

Rose McConnell disse ao marido, William, girando um anel no dedo:

– Nunca olho para esta esmeralda sem pensar em como sua cor se parece com os olhos da vovó. Olhe. Há um sinal de azul nela também. E cintila, exatamente como os olhos dela cintilavam quando estava aprontando alguma brincadeira ou diabrura. Mas nunca encontrei alguém como vovó. Ela era um produto do século XIX, embora tenha vivido bastante também no século XX. Na realidade, vovó era eterna. Veja como a esmeralda brilha, William! Ela parece piscar para mim, como vovó costumava piscar. Eu tinha o hábito de admirar a pedra no dedo dela. Estou feliz que a tenha deixado para mim. Esmeralda como os olhos dela; esmeralda como sua terra natal irlandesa.

William McConnell, que havia encontrado vovó poucas vezes, disse:

– Sim, ela era eterna. Parece tão viva hoje como quando a encontrei pela primeira vez. Você tem o mesmo nome que ela, não? Rose Mary. Um lindo nome.

Vovó Rose Mary O'Driscoll era irlandesa, a última filha de uma família de 17 irmãos, todos eles tendo vivido mais de 90 anos, e alguns mais de 100. Mas vovó nascera na Escócia, não na Irlanda, pois sua família se mudara para lá antes de seu nascimento. Eram construtores de navios em Clyde e alguns de seus irmãos entraram mais tarde para o negócio de uísque ou de estradas de ferro. Mas isso foi depois. Nesse ínterim, Rose Mary O'Driscoll foi criada na Escócia, em meio ao luxo. Era a filha favorita dos seus pais, sua temporã. Absolutamente nada lhe era negado, e, depois que se casou (tendo desposado um tal de Bruce Cullen, um escocês-irlandês), continuou





não negando nada a si própria. Disciplina era uma palavra que ela nunca tinha ouvido. Todos os irmãos e irmãs tinham enérgicos olhos azuis, pele branca e o espesso cabelo negro dos verdadeiros irlandeses que possuíam sangue espanhol. Eram também altos e melancólicos, calados, mas algumas vezes silenciosamente violentos. Vovó era diferente dos irmãos mais velhos. Era pequena, viva e alegre. Seus olhos eram verde-azulados e resplandcentes. Os cabelos eram vermelhos, o nariz grande, romano, a pele eternamente sardenta.

Além disso, possuía muita classe e instinto, vivacidade e inteligência, desde a mais tenra infância. Ninguém jamais a chamara de bonita, nem mesmo os numerosos amantes que teve após o nascimento dos quatro filhos. Mas ela compensava a falta de beleza com vivacidade, uma risada rouca e alta, anedotas e absoluta malícia. Sua voz era como uma sirene, áspera e alta, que deve ter feito seus irmãos, com suas macias vozes irlandesas, estremecerem. Eles a adoravam. Chamavam-na de “nossa Rose”. Perdoavam-lhe tudo, e tinham muito a perdoar.

Rose Mary teria dito à sua neta Rose Cullen que, quando criança, mantinha, desde o berço, a casa sob o seu domínio. Isso continuou durante toda a vida, até seus últimos dias, sob a complacência dos austeros filhos, com suas consciências de partidários da reforma protestante na Escócia, seu moralismo e sua sólida repugnância ao menor sinal de frivolidade e alegria. Como nunca puderam entendê-la, e por causa do pai deles, Bruce Cullen, que respeitavam e temiam, acabaram considerando a mãe má. Mas Rose Mary era simplesmente a costureira gargalhada, voz alta, hilaridade e personalidade endiabrada, como tinha sido durante toda a sua vida, o que, paradoxalmente, atraiu de imediato o marido – ele que era tão reservado, controlado e desprovido de alegria. (O fascínio que exercia sobre ele durou pouco, infelizmente.) Ela nunca foi hipócrita. “Seja você mesma”, diria a Rose, sua única neta. “O diabo leva os sérios.” Lamentavelmente, o marido e os filhos eram todos “sérios”, algo que ela jamais perdoou.

Todas as lindas irmãs de Rose Mary, com profundos olhos azuis, peles cor de neve e cabelos pretos, estavam bem casadas antes dos 17





anos. Os irmãos desposaram moças com bons dotes. Mas Rose Mary, que se divertia muito com sua legião de namorados em Barhead, preferia não se casar. Aos 17 anos continuava solteira; aos 18, a mãe ia à missa todas as manhãs, fazia novenas e se desesperava. Quando completou 19 anos, seu pai foi pessoalmente falar com o bispo. O que estava errado com sua querida filha mais jovem? Os rapazes eram loucos por ela, mas Rose Mary não estava interessada em nenhum deles. Ela simplesmente amava todos. Além disso, divertia-se muito. Danças. Passeios. Chás. Recepções. O bispo, de bom grado, aceitou um convite para jantar, lembrando-se com prazer dos excelentes jantares do Sr. O'Driscoll, ele que raramente tinha suprimento para pouco mais de uns dias na sua própria despensa. Conversou com Rose Mary na sua voz grave e musical e ela energeticamente disse que seu coração não pertencia ainda a nenhum homem. Sim, meu senhor, ela havia passado dos 19 anos. Mas era paciente. O bispo encarou os oscilantes olhos verdes e pensou em elfos. Mas logo lembrou-se de que elfos não existiam.

Rose Mary adorava música de qualquer espécie, embora não gostasse de cantoras mulheres, nem mesmo de Jenny Lind.

– Ela berra – disse uma vez à neta. – Arranca as orelhas da cabeça.

A própria Rose Mary cantava como um papagaio, ave à qual foi devotada durante toda a vida, imensos pássaros como urubus, selvagememente coloridos, sempre dando à pequena Rose a impressão de estarem aguardando o momento exato de arrancar-lhe os olhinhos. Mas ela amava os cantores, não a canção, o que se tornou penosamente evidente logo após a visita do bispo.

Rose Mary era fascinada por pantomimas, bailes públicos, teatros, concertos e outras reuniões cheias de gente, independentemente de quem estivesse presente. Nessas ocasiões, ela brilhava com seus vestidos de Paris, as luvas cheias de lantejoulas, as plumas (atadas com diamantes aos seus luminosos cabelos vermelhos), os mantos de veludo ou de pele, as joias. Naqueles lugares, ela logo assumia sua personalidade natural, os olhares seriam dirigidos ao camarote que ocupava com os pais e os ouvidos estariam atentos a suas observações irreverentes, sua gargalhada rouca e estridente, o chocalhar de





seus braceletes. Ela parecia estar sempre em movimento, infatigável, agitado, brilhante. Seu sorriso audacioso atraía os jovens dos balcões inferiores e eles ficavam maravilhados com a pequena e alegre moça acima deles, piscando e abanando com malícia o leque. Os cachos longos e faiscentes caíam nos pequenos ombros nus, cheios de sardas. Mesmo possuindo um busto infantil, ele era iluminado pelas joias herdadas de suas ancestrais. Tinha uma cintura bem fina, ornamentada com um cinto de turquesas e topázios encastoados em ouro. As anquinhas eram pregadas com alfinetes de diamantes. Podia não ter beleza alguma, mas possuía estilo e encanto, apesar do rosto pequeno e sardento, da grande boca risonha de cintilantes dentes brancos, do queixo pontudo com uma profunda cova e do imenso nariz com narinas grosseiras. Não precisava de beleza. Ela brilhava.

Ela encontrou seu destino, como era então chamado, quando assistia a um concerto com os pais, já se aproximando dos 20 anos. O cantor que se apresentava era um rapaz dos seus 18 anos, alto, bonito, melancólico, com feições pálidas e bem talhadas, silenciosos olhos azuis, um incipiente bigode dourado, ombros largos e imponentes e uma boca vigorosa, cheia de melancolia escocesa. A voz era bonita e forte. Cantava baladas da Escócia e da Irlanda, e o auditório chorava, inclusive Rose Mary, a cínica. Ela nunca se importara com tais baladas antes, mas agora estava subitamente perdida nos olhos de um jovem escocês e não ouvia nada além de sua voz. Rose Mary ficou instantânea e profundamente apaixonada pela primeira, se não pela única vez na vida.

Ela nunca explicou muito claramente a ninguém como tramou encontrar o rapaz chamado Bruce Raymond Cullen. Mas conseguiu, bem debaixo do nariz dos pais. Encontrou-o ainda em outras ocasiões.

– Ele ficou doido comigo desde o princípio – diria ela à neta. – Ele, um escocês presbiteriano, e eu, católica. Fugimos para Gretna Green, onde poderíamos nos casar sem o consentimento de nossos pais, e em um mês estávamos casados.

Mas não na presença de um padre. O rapaz podia estar louco por Rose Mary, mas “não teria um padre”, deixou bem claro. Rose





Mary ficou com ele mesmo assim, fato que, quando revelado a seus pais, causou-lhes impotente sofrimento. Nem haveria um segundo casamento. Rose Mary estava apaixonada por Bruce e permaneceria apaixonada por cinco anos, tempo em que os quatro filhos nasceram. Então a paixão acabou, tão rápido como havia começado, e Bruce raramente era visto por muito tempo em casa. Ele continuou com seus concertos e morreu quando o filho mais velho completou 10 anos, e se Rose Mary o pranteou, isso não ficou muito evidente.

Ninguém havia jamais acusado Rose Mary O'Driscoll Cullen de ser uma moça paciente, e assim ela tomou para si a responsabilidade de criar os filhos – tarefa que considerava enfadonha e monótona, quase desde o nascimento deles –, impacientemente. Os filhos faziam-na lembrar-se do marido, de quem ela havia se cansado terrivelmente, muito antes de ele morrer. Agora que não havia nenhum marido escandaloso por perto, envolvido em um casamento que consideravam inválido, os pais de Rose Mary foram em seu auxílio, lamentando a terrível situação. Rose e os filhos não ficaram exatamente pobres, mesmo do ponto de vista dos dias modernos, pois ela havia herdado da avó materna 2 mil libras anuais, ao completar 21 anos, e Bruce Cullen, pessoalmente, também obtivera uma boa fortuna nas turnês de concerto nas Ilhas Britânicas e ganhara mais dinheiro ainda com os sentimentais imigrantes irlandeses e escoceses na América. Rose Mary havia gastado a maior parte do dinheiro na compra de joias para aumentar sua coleção, e agora morava em Glasgow, numa casa modesta que não ficava em uma vizinhança sofisticada. Mas ela e os filhos não passavam fome, embora os tolos O'Driscoll assim imaginassem. Portanto, eles estabeleceram um fundo para Rose Mary, e seus igualmente tolos irmãos e irmãs contribuíram para ele. (Claro que não era importante que Rose Mary dissesse aos pais que o marido lhe havia deixado considerável soma.)

Ela ficou humildemente grata aos parentes e mostrou-se muito afeiçoada por tudo que fizeram por ela; ninguém notou aquele brilho debochado em seu olhar. Como queria, mais do que qualquer outra coisa, retirar os filhos debaixo de suas asas, enviou-os para um internato particular, longe de Glasgow. Fez então uma longa jornada





turística pelo continente, para renovar velhos e fascinantes conhecimentos, e envolveu-se num romance com um cavaleiro italiano bem-nascido, romance do qual ninguém nas Ilhas jamais ouviu falar e nem ficou sabendo. Satisfeita e cheia de sede de viver, ela retornou às Ilhas, viveu algum tempo em Londres e se mostrou interessada em aumentar a fortuna por meio de investimentos. Como era incansável, mudava-se de cidade em cidade enquanto o tempo passava, montando suntuosas residências e vendendo-as depois, com ótimo lucro.

Seus filhos se casaram razoavelmente bem, mas Rose Mary não se interessava por eles nem pelas esposas ou netos. Declarava, entretanto, que sempre desejara uma filha e, quando um dos filhos, o terceiro, teve uma menina, Rose Mary ficou temporariamente entusiasmada; deu à criança sua própria roupa de batismo e pôs-lhe seu próprio nome. A criança, Rose Mary Cullen, tinha o mesmo cabelo da avó, os mesmos olhos verde-acastanhados e as mesmas feições, mas infelizmente herdara a personalidade obstinada e taciturna do vovô Cullen. Assim, a avó perdeu o interesse nela, se é que ainda retinha alguma afeição casual em relação à neta. Lembra-se da criança no Natal e no aniversário, mas poucas vezes a visitava, até que a pequena completou 4 anos. Rose Mary estava então morando em Leeds, numa bela residência, no centro de um quarteirão de casas que ela estava restaurando para uma lucrativa venda posterior.

No inverno, a pequena Rose Cullen ficava por longos períodos na casa da avó, sempre que os pais tinham suas amargas e prolongadas brigas. Ela jamais descobriu por que as brigas aconteciam e realmente nunca se incomodou com isso, pois era uma criança calada e solitária. Aceitava a vida com interesse profundo e apaixonado, mas não era um interesse pessoal. Ela quase gostava das brigas, pois assim podia ir para a casa da avó em Leeds, que era repleta de tesouros divertidos, tinha um ou dois papagaios para serem provocados e observados a uma distância segura, um ar de luxo e, sempre, a presença vibrante, mas não afetuosa, da avó e de seus estranhos e exóticos hóspedes. Além disso, havia uma cozinheira muito expansiva, com quem Rose se sentia muito bem e de quem dependia para as delícias da mesa da vovó, como os bombons e as castanhas com cobertura, as balas de





gengibre e as saborosas tortas. E os jardins da avó, mesmo no inverno, eram misteriosos, cheios de orvalho, de silêncio, de corvos e de pássaros selvagens; e acima de tudo, não havia pais briguentos.

ROSE SEMPRE DIZIA ao marido, William McConnell:

– Lembro-me de uma vez, na casa da vovó, em 1904. Ela, entretanto, sempre insistia para chamá-la de avó; para ela parecia ser mais jovial do que vovó e muito menos monótono e untuoso. Eu me lembro...

Sua primeira lembrança de Leeds, Inglaterra, e da casa da vovó Rose Mary O'Driscoll Cullen, era justamente de quando ela tinha menos de 4 anos e uma briga feia estourou em casa. Seus pais prepararam-lhe a mala, puseram-na sozinha num trem e voltaram para casa, para continuar a briga descontrolada. O cocheiro e a carruagem de vovó a esperavam, em silêncio, na estação de Leeds, e do mesmo modo partiram para a casa da matriarca. Rose se recordava com nitidez daquela primeira ocasião solitária. As ruas avermelhadas estavam inundadas pela chuva fria e pela fuligem. A água respingava no teto da carruagem. As luzes oscilavam quando passavam por casas solitárias e o ar era invadido pelo cheiro de gás de carvão, de couro e lã molhados e de fumaça. O cavalo fazia barulho nas pedras do calçamento. A escuridão chegara pesada, e a carruagem dançava de um lado para outro. As mãos de Rose estavam dormentes de frio, mesmo protegidas nas luvas. Ela ouvia o sopro do vento de encontro à carruagem, seu distante lamento em direção a oeste. Não se sentia assustada, nem mesmo solitária, pois acostumara-se à solidão. Carruagens passavam com as lanternas acesas. Em uma ocasião, um desses novos e barulhentos veículos a motor passou encostado na carruagem, assustando o cavalo e fazendo o cocheiro amaldiçoar e ameaçar com o chicote. Os bueiros trepidavam; as pedras da rua refletiam os lampiões. Mas Rose estava animada. Ia fazer sua primeira visita à avó e ao misterioso mundo onde aquela lendária figura vivia.

A casa era muito grande e tinha quase todas as janelas iluminadas, e havia um reflexo de trêmula luz vermelha da lareira nas cortinas ainda não cerradas. A construção tinha um pórtico pequeno, com quatro pilares brancos de madeira e um grande leque de degraus de





tijolos, conduzindo da rua até a porta. O cocheiro, com um olhar mal-humorado, abriu a porta da carruagem para Rose. Ele foi então movido por um súbito sentimento de gentileza pela desamparada criança. Suspendeu-a nos braços com uma palavra cordial, o queixo e o rosto ásperos arranhando-lhe as faces, e carregou-a na escada, dizendo animado “aqui está você, mocinha”. Colocou-a no chão, bateu na aldrava e voltou para pegar a bagagem. Nesse meio-tempo, uma elegante empregada uniformizada parou na entrada, olhando-a sem benevolência.

– Uma criança na casa – murmurou, logo puxando Rose para dentro. – Comporte-se e não crie problemas.

A avó estava oferecendo um jantar e não havia tempo para saudações. A inamistosa empregada, irritada, empurrou Rose para uma imensa escadaria de madeira branca atapetada de veludo, que dava para um longo corredor cheio de portas fechadas. Um lampião envolto em um globo vermelho estava aceso no fim do corredor. A criada abriu a porta de um quarto pequeno, gelado, e acendeu uma vela. Rose viu a grande cama com dossel, as cadeiras de crina de cavalo, o pequeno sofá verde, a lareira vazia, o tapete de Bruxelas, as cortinas de veludo azul presas com finas rendas bordadas.

– Já tomou o chá? – perguntou a criada, com ar ameaçador. Rose balançou a cabeça. – Agora vou ter de preparar chá para uma criança – resmungou. – Muito bem. Sente-se e fique quieta. – Suspendeu-a e sentou-a com violência em uma gigantesca cadeira de balanço, cujo assento de crina de cavalo logo irritou-lhe as coxas. – Não quero ouvir uma palavra – avisou a empregada, e bateu a porta atrás de si.

Rose de repente se sentiu muito cansada e sonolenta, bocejando, com o balanço da cadeira. Acordou vendo a criada acendendo, com irritação, um pequeno fogo. Havia na mesa uma bandeja com sanduíche, chá, leite, açúcar, bolo, uma ou duas broas quentes e geleia.

Logo Rose percebeu que estava faminta, desceu da cadeira, parou junto à mesa e começou a devorar a comida. O fogo pegou; o vento uivava na chaminé. As janelas chocalhavam. Era uma noite fria.

Assim que ela terminou de comer, a empregada a esfregou com água morna numa bacia grande, escarneceu do seu pijama de flanela sem rendas ou botões bordados e atirou-a na cama gelada.





– Onde está vovó? – perguntou Rose.

– Há coisas melhores para fazer do que se aborrecer com alguém como você – disse a criada. – Vá dormir. O urinol está debaixo da cama. Veja se o usa de acordo.

Rose não dormiu durante um longo tempo. Ficou observando o pequeno fogo na lareira e ouvindo os estalidos animados. Escutava o vento soprando com violência nas janelas, na chaminé, uivando nos beirais do telhado. A chuva fazia barulho como uma catarata. Ela estava na casa da avó, em Leeds, na primeira das tantas visitas que não eram bem-vindas. Mas já havia aprendido que há poucas boas-vindas para qualquer pessoa no mundo, por isso não ficou aborrecida. Fez as orações muito tranquilamente, rezando com carinho para os queridos papai e mamãe e para todos os pobres. Deus, tinha certeza, estava em pé bem ao lado da cama. Já sabia bastante sobre Ele, desde que fizera 2 anos, bem antes de qualquer pessoa mencionar Seu nome para ela. Rose virou a cabeça para o travesseiro docemente perfumado e avistou, sobre a lareira, um crucifixo, o primeiro que via na vida. Era muito grande, e o corpo de Cristo parecia feito de ouro. Rose nunca ouvira falar Dele explicitamente, mas, no mesmo instante, compreendeu tudo. Ela dormiu debaixo das bênçãos de um Guardião que não dorme.

Isso era tudo de que se lembrava da sua primeira visita à casa da avó em Leeds. Parecia que aquelas visitas nunca acabavam, até o fim de sua vida, e ela as repassava na memória, como alguém que volta a uma velha catedral em suas lembranças mais profundas – embora a casa da avó nada tivesse de catedral.

Rose tinha quase 5 anos na visita seguinte, e foi essa visita que ficou gravada para sempre em sua memória, pois foi o princípio de sua amizade com os homens santos da avó. Eles foram as únicas criaturas santas que entraram na casa da avó, até o fim de sua vida.

